

NARRATIVAS CARTOGRÁFICAS COMO METODOLOGIA DE LEITURA DO TERRITÓRIO: O CASO DO PIRAMBU, FORTALEZA (CE)

RESUMO

Os instrumentos tradicionais de leitura e planejamento urbano, como os mapas oficiais, historicamente estiveram associados à representação do poder, tendendo a invisibilizar dinâmicas sociais e territoriais de favelas e comunidades urbanas. Diante desse cenário, a cartografia social emerge como uma metodologia capaz de incorporar narrativas, percepções e saberes locais na produção de leituras urbanas mais sensíveis. Este artigo tem como objetivo analisar as narrativas cartográficas como metodologia de leitura do território, a partir de uma experiência de mapeamento social realizada no bairro do Pirambu, em Fortaleza. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, estruturada como estudo de caso, com a produção de quatro cartografias narrativas elaboradas de forma individual por moradores do bairro, mediadas remotamente pela pesquisadora. Os resultados evidenciam leituras diversas e subjetivas do território, revelando percepções distintas sobre risco, segurança, infraestrutura, mobilidade e pertencimento, atravessadas por marcadores de gênero, geração, raça e trajetória de vida. As narrativas produzidas demonstram o potencial da cartografia social para revelar dimensões do espaço urbano não captadas pelos instrumentos técnicos tradicionais, contribuindo para leituras mais complexas do território e para a construção de práticas de planejamento urbano mais participativas.

Palavras-chave: cartografia social; narrativas territoriais; planejamento urbano; favela; Pirambu.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, os instrumentos tradicionais de leitura e planejamento urbano, como os mapas, estão associados à representação do poder. Fundamentam-se na produção de dados técnicos e cartografias oficiais que tendem a representar o território mostrando ou ocultando informações de acordo com interesses específicos. Em contextos de favelas e comunidades urbanas, essas representações, quando existem, costumam se limitar a dados superficiais e pouco detalhados, desconsiderando as experiências cotidianas e os saberes produzidos pelos próprios moradores (ROY, 2005; AC-

Maria Cristiellen Rodrigues Ribeiro
Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design da UFC (PPGAUD UFC)
Docente e Coordenadora de Pesquisa e Extensão do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Christus
<https://orcid.org/0009-0001-5089-2241>
cristiellenrodrigues@outlook.com

Sara Uchoa Araújo Silva
Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design da UFC
Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Christus
Fortaleza – CE – BR
<https://orcid.org/0009-0004-8529-7997>
sara.uchoa@unichristus.edu.br

Mário Soares dos Santos Júnior
Mestre pelo Programa Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da UFMG
Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Christus
<https://orcid.org/0009-0004-9188-6843>
mariosjr@gmail.com

José Otávio Santos de Almeida Braga
Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design da UFC
Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Christus
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2558-7461>
Email: zeh.ot.sab@gmail.com

Leticia Keroly Bezerra Alexandrino
Doutoranda e mestranda em psicologia ambiental, arquiteta e urbanista,
Docente e Coordenadora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Christus
<https://orcid.org/0000-0002-0716-9429>
Email: leticia.alexandrino@unichristus.edu.br

Autor correspondente:
Maria Cristiellen Rodrigues Ribeiro
E-mail: cristiellenrodrigues@outlook.com

Submetido em: 05/01/2026
Aprovado em: 06/01/2026

Como citar este artigo:
RIBEIRO, Maria Cristiellen Rodrigues; SILVA, Sara Uchoa Araújo; SANTOS JÚNIOR, Mário Soares dos; BRAGA, José Otávio Santos de Almeida; ALEXANDRINO, Leticia Keroly Bezerra. Narrativas cartográficas como metodologia de leitura do território: o caso do Pirambu, Fortaleza (CE). *Revista Interagir*, Fortaleza, v. 24, n. 130, p. 118-121, 2026.

SELRAD, 2008; ARAÚJO JÚNIOR, 2020).

Nesse cenário, metodologias que incorporam narrativas e percepções locais emergem como alternativas para a construção de leituras urbanas mais sensíveis às desigualdades e aos conflitos presentes no espaço vivido. Entre essas abordagens, destaca-se a cartografia social, que segundo Araujo Junior (2020), a partir de Gorayeb e Meireles (2015), a cartografia social constitui uma ferramenta de **instrumentalização do conhecimento simbólico, cultural e popular, construída de forma coletiva** para expressar os anseios, identidades e demandas de uma comunidade. Tem como princípio a participação direta dos membros das comunidades na elaboração dos mapas. Esse processo possibilita uma emancipação quanto a definição de limites territoriais, auto-definição de povos para além dos critérios impostos pelo Estado, contribuindo com a mobilização política local (ALMEIDA, 2013).

Em Fortaleza, o bairro do Pirambu, reconhecido como a sétima maior favela do país em 2010 (IBGE), conforme apresentado por Ribeiro, Souza e Costa Lima (2022), passou por um processo gradual de produção de dados oficiais. Segundo as autoras, os mapas institucionais inicialmente promoveram o apagamento do território, seguido de uma representação voltada à justificativa de remoções. Apenas a partir dos anos 2000 observa-se um

aumento na produção de dados e mapas sobre o bairro, ainda assim de forma generalista e pouco sensível às dinâmicas locais. Até o momento, não foram identificadas iniciativas de mapeamento social desenvolvidas na comunidade.

Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo analisar as narrativas cartográficas como metodologia de leitura do território, a partir da experiência de mapeamento social realizada no Pirambu, buscando evidenciar relações sociais, conflitos urbanos e estratégias cotidianas de sobrevivência que não são captadas pelos instrumentos oficiais de planejamento urbano.

2 MÉTODOS

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, a partir de um estudo de caso sobre o uso da cartografia social em uma favela de Fortaleza, o bairro do Pirambu. O estudo foi desenvolvido em três fases: (1) seleção da comunidade onde seria realizado o mapeamento; (2) contato com articuladores locais para o agendamento dos encontros destinados à produção das cartografias; e (3) produção individual das cartografias sociais.

Inicialmente, as oficinas estavam previstas para ocorrer de forma coletiva e presencial. No entanto, durante o período de realização da pesquisa, o território enfrentava conflitos relacionados à segurança pública. Por recomendação das lideranças

comunitárias, as oficinas foram reorganizadas e realizadas de forma remota, por meio da plataforma Google Meet, a partir da produção individual de mapas narrativos. Foram utilizados suportes gráficos simples, consistindo em uma tela compartilhada com o mapa do Pirambu, na qual os relatos orais dos participantes eram associados a desenhos e anotações livres diretamente sobre o mapa.

O papel da pesquisadora foi o de mediadora do processo, conduzindo o diálogo sobre o cotidiano dos participantes e a relação entre suas percepções, memórias e desejos de futuro. Ao todo, foram produzidas quatro cartografias narrativas, sendo os participantes selecionados a partir de critérios de diversidade geracional e de gênero.

3 RESULTADOS

Maria, mulher negra de 54 anos, associa sua vivência à figura da “mãe preta”, marcada por uma trajetória de trabalho doméstico e cuidado. Sua principal preocupação é a segurança dos netos diante da violência policial e do tráfico, o que a leva a restringir a circulação das crianças pelas vielas. A ausência de atividades no contraturno escolar, a precariedade dos espaços de lazer e a falta de escritura da casa aparecem como fatores constantes de insegurança. Suas propostas concentram-se na criação de equipamentos comunitários e espaços educativos (Figura 1).

► Figura 1: Narrativa cartográfica Maria



Fonte: acervo próprio (2021)

Carlos, jovem de 25 anos, trabalhador da cultura e entregador por aplicativo, se identifica como “pirangueiro” e relata abordagens policiais frequentes associadas à sua aparência. Percebe as ruas largas, o calçadão do Vila do Mar e a Avenida Leste-Oeste como espaços de maior risco, enquanto as vielas funcionam como locais de proteção. Destaca a fragilidade dos equipamentos comunitários, a falta de infraestrutura para trabalhadores informais e a dificuldade de acesso à moradia. Suas demandas incluem o fortalecimento dos espaços comunitários e a redução da violência policial.

► Figura 2: Narrativa cartográfica Carlos



Fonte: acervo próprio (2021)

Tasha, mulher de 27 anos, publicitária, relata um processo de reconhecimento de sua identidade racial e periféri-

ca relacionado a saída do bairro para trabalhar no bairro Aldeota. Aponta o potencial subutilizado do Vila do Mar, a precariedade do transporte público interno e a insegurança fundiária da casa da avó. Também destaca a ausência de espaços formativos para crianças e adolescentes, como o extinto ABC do Pirambu. Suas propostas envolvem melhorias na mobilidade, incentivo à economia local e criação de centros comunitários.

► Figura 3: Narrativa cartográfica Tasha



Fonte: acervo próprio (2021)

Francisco, homem de 59 anos e morador antigo do Pirambu, associa sua trajetória à história de ocupação do bairro. Residente próximo à praia, enfrenta alagamentos frequentes, falta de saneamento e dificuldades de mobilidade em períodos de chuva. Enxerga o Vila do Mar como extensão da casa, espaço de cultivo e convivência. Assim como os demais, não possui escritura do imóvel e aponta a violência policial como fator de insegurança. Suas demandas incluem saneamento básico, melhoria no transporte público e regularização fundiária.

► Figura 4: Narrativa cartográfica Francisco



Fonte: acervo próprio (2021)

4 DISCUSSÕES

Embora as cartografias tenham sido produzidas a partir de um mesmo território, elas revelam leituras distintas, evidenciando o caráter subjetivo da experiência urbana. As percepções de risco e segurança variam de acordo com gênero: enquanto os homens tendem a identificar as ruas mais largas como espaços mais perigosos, associando-as à violência policial, as mulheres apontam as vielas como áreas de risco, por concentrarem o tráfego de drogas e as chamadas “bocas de fumo”.

Apesar dessas divergências, há uma convergência nas narrativas em relação ao Vila do Mar, reconhecido de forma quase unânime como um espaço marcado pela insegurança. A ausência de equipamentos públicos, aliada à interrupção do calçadão na comunidade da Areia Grossa, contribui para a sensação de abandono, revelando o impacto de intervenções urbanas não concluídas.

As narrativas cartográficas evidenciam, assim, o potencial da cartografia social como meto-

dologia capaz de revelar dimensões do território invisibilizadas pelos instrumentos técnicos tradicionais. Ao deslocar o foco da representação abstrata para as experiências dos moradores, os mapas narrativos produzidos no Pirambu expõem como o espaço urbano é vivido a partir de marcadores sociais como raça, classe, gênero e geração. Ao incorporar essas narrativas ao debate urbanístico, amplia-se a compreensão sobre o Pirambu e reforça-se a necessidade de práticas de planejamento mais participativas, sensíveis às experiências vividas e comprometidas com a justiça socioespacial.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. (org.). Cartografias sociais e território. Rio de Janeiro: UFRJ; IPPUR, 2008.

ALMEIDA, A. W. B. Nova cartografia social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras. In: ALMEIDA, A. W. B.; FARIAS JÚNIOR, E. A. (org.). Povos e comunidades tradicionais: nova cartografia social. Manaus: UEA Edições, 2013.

ARAUJO JUNIOR, E. M. Cartografia social nas narrativas dos territórios: o caso das populações ribeirinhas na Amazônia Legal. *International Journal of Professional Business Review*, v. 5, n. 2, p. 153–162, 2020.

RIBEIRO, M. C. R.; SOUZA, C. V.; COSTA LIMA, M. Q. Histórico da representação cartográfica de assentamentos precários em Fortaleza: o caso do Pirambu e da Barra do Ceará. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 19., 2022, Blumenau. Anais. Blumenau: ANPUR, 2022.

ROY, A. Urban informality: toward an epistemology of planning. *Journal of the American Planning Association*, v. 71, n. 2, p. 147–158, 2005.